

## Antonio Miranda

B R A S Í L I A B R A S Í L I A  
B R A S Í L I A B R A S Í L I A  
B R A S Í L I R A S Í L I A  
B R A S I L A S Í L I A  
B R A S I S Í L I A  
B R A S B R Í L I A  
B R A B R A S L I A  
B R B R A S I L I A  
B R A B R A S L I A  
B R A S B R Í L I A  
B R A S I S Í L I A  
B R A S I L A S Í L I A  
B R A S Í L I R A S Í L I A  
B R A S Í L I A B R A S Í L I A  
B R A S Í L I A B R A S Í L I A

## *Canto Brasília*

*Em homenagem  
ao Centenário  
de nascimento  
de Juscelino Kubistchek e de Lúcio Costa.*

*Para*

*Victor Alegria,  
o editor  
de Brasília*

## *Exórdio*

Onde os ventos corriam soltos  
e as aves migravam sem fronteiras.

Os índios livres de cronologias  
gregorianas,  
terras do sem fim.

## *O Cerrado*

Antes era o Cerrado  
desterrado,  
no planalto insondável  
ou indomável,  
era a vastidão ondulante  
e enorme. Inescrutável.

Informe a terra aos seus desígnios,  
buritis errantes sobre ermos  
charcos isolados,  
plantados sob nuvens passageiras.

Nuvens como plumagens derradeiras  
chovendo a intervalos.

Interstícios, vestígios vegetais.

Redemoinhos elevam-se  
nos horizontes minerais  
sinais montes trilhas.  
Jamais.

Um resto de umidade  
no ar,  
flores secas  
queimadas  
lambendo horizontes  
reiteradamente.

Do alto deste Planalto Central  
mil vertentes, entranhas,  
cavernas de luzes escondidas,  
animais.

Dessas águas emendadas  
nas direções dos pontos cardeais,  
em demanda de todos os brasis.  
Infinitos.

Riachos temporários, subterrâneos,  
pedregosos, resvaladouros, solitários.  
Solo de bandeirantes,  
retirantes.

Dos encontros impossíveis,  
das monções e entradas ancestrais,  
dos refúgios e abandonos.

Haveremos de rever  
a sua rochosa ossatura,  
registros prematuros de Varnhagen.

Visões e revisões  
geopolíticas.  
Sertões.

Nesses paralelos de mel e de leite  
da Terra Prometida.

Nos confins de serras cristalinas,  
meridianos estivais,  
paragens marinhas de artificios,  
como ondas petrificadas,  
sacrifícios.  
Passagens nacionais  
em todas das direções:  
tropeiros, mascates,  
garimpeiros.

Passa um, passa boiada,  
passa tempo  
cavilhada  
cavaleiros coloniais.

Goiás, Brasil.

## *Fauna e flora*

Pequis, araticuns,  
cajuís.  
Veredas de solidão,  
arbustos tortuosos, retorcidos,  
ungidos sob o sol estival.

Árvores secas, queimadas,  
renascidas, tortas,  
carcomidas,  
entre capins resvalantes  
nos interflúvios,  
nas encostas pedregosas.

Pedras lunares,  
cristais  
e flores matinais  
entre nasceres e morreres  
contumazes.  
Tem o araquá agridoce e arbustivo,  
tem o bacupari de polpa  
sobre caroços tungidos,  
escondidos  
em cascas coriáceas.  
E tem a curriola esverdeada  
dos pássaros famintos  
e o jatobá das farinhas  
preparado com açúcar mascavo.

Tem a mangaba, murici,  
mama-cadela, lobeira, gabirola.  
E as palmeiras jerivá,  
babaçú, macaúba, guariroba,  
emplumando a paisagem  
no cerradão do tropeiro  
e do peão.

E o peão sabe:  
onde tem buriti tem água,  
tem vida, brotação.  
E haja espaço

e vez para louvar  
as orquídeas e as bromélias:  
o *Cyrtopodium eugenii*  
cilíndrico obeso bulboso  
nos afloramentos alcalinos;  
os gravatás de todos os nomes  
armados e serrilhados  
nas árvores  
e nos inselbergues ensolarados.  
Testemunhos seculares  
de endemismos.

E,  
guardião dos campos úmidos  
restabelecidos,  
o paepalantus sobranceiro,  
de roseta capilar,  
esferoidal,  
demarcando distâncias.  
As nuvens plúmbeas  
querendo afogar a terra,  
errantes, suspensas  
como cogumelos alucinados,  
como coágulos espessos.

Nuvens tingidas de vermelho,  
incandescentes,  
nos horizontes abertos, teatrais,  
descortinantes e desconcertantes.

Nuvens orquestrais, plasmadas  
contra o azul absoluto, total,  
onipresente.  
Nuvens movediças, baixas,  
volumosas, assim gráceis  
ou frágeis, ou densas  
e pretensas.

Cupinzeiros,  
espinhos e folhas urticantes,

raízes tuberosas,  
seivas e entranhas flagrantas  
e fragrantas,  
colinas ondulantes,  
rochosas.

O cerrado é campo aberto  
é grotas é mata ciliar  
é cipó é maritaca e é tucano  
quando não é siriema  
e tatú e coruja e guará  
nas vertentes nas encostas  
nos varjões.

Nasce e renasce em ciclos  
estelares,  
nas constelações decíduas  
de folhagens intermitentes,  
metamorfoses,  
mutações.

A natureza aqui é árdua  
e serena,  
impassível, fossilizada,  
sem beirada.

É fátua  
é pródiga, profícua  
infalível, implacável  
– valham todos os adjetivos!

## *Mauritia flexuosa*

Árvore da vida.  
Solene,  
solitária, solidária.

Nas entranhas da terra e  
em cúpula celeste:  
ramificações estranhas,  
demarcando várzeas  
celebrando oásis  
matinais.

Óleo e copa,  
alimento e proteção de vida.

Das entranhas da terra  
ao firmamento,  
uma simetria de volumes  
invertidos: no espaço aberto  
e no solo contido,  
ampulheta de vida.

Buritizais descendo geografias  
aquáticas  
no roteiro dos pássaros  
e tropeiros.

Escamas  
córneas lustrosas  
avermelhadas.

Não se sabe se é a palmeira  
que passa ou o tropeiro  
que fica.

Testemunhas silentes  
mas não indiferentes  
pois o buriti é dadivoso  
umbrátil  
altaneiro.

Enquanto houver buritizais  
enquanto houver mananciais  
enquanto houver chuvas  
lodaçais  
enquanto  
e portanto  
o milagre da existência,  
entretanto  
vida e pranto.

## *Varnhagen*

No princípio era o Verbo,  
a invenção.

Visconde de Porto Seguro  
Francisco Adolfo Varnhagen  
a cavalo  
por *longos sertões*  
e *chapadoens* do interior.

Registrando  
argumentando  
historiando  
sonhando

convicto.

Apregoando  
os puros e saudáveis ares.  
Veias e artérias  
trilhas mulares  
barômetros bússolas  
cartas geográficas  
estelares.  
*Às cabeceiras dos rios*  
*que regam o Brazil.*

*Lancemos nossas vistas*  
*para elle todo.*

Varnhagen mudancista

Varnhagem da experiência-síntese  
pregando a interiorização:

*tão grande corpo  
necessita concentrar-se*

*para conservar-se unido*

*não apenas para proteger  
mas para gerar riquezas*

*e distribuir,  
em diferentes raios,  
sua sollicitude.*

E ser mais nacional.

## *O Sonho*

Condenados ao moderno  
por fatalidade,  
à contemporaneidade.  
Sem herança ou tradição.

Uma Nova Capital como  
semente, traço de união,  
como sonho colonial  
como ideal inconfidente  
como bandeira e pregação  
desenvolvimentista.

Tiradentes, JK.

Utopia. Vertigens antecipatórias,  
emblemáticas miragens.  
Integração nacional.

*“Deste Planalto Central...”*  
Do litoral para as entranhas,  
dos pampas guerreiros  
para as altitudes serranas;  
das caatingas e dunas atlânticas,  
das hiléias e pantanais aquáticos,  
das minas  
e das serras gerais,  
das chapadas e manguezais  
aos entroncamentos  
e altitudes planaltinas  
centrais,  
ao encontro das  
diversidades  
e adversidades  
nacionais.

Brasil, capital Brasília.

Convergência e confluência.

Idealizações premonitórias,  
crenças adventícias,  
intuições advinhatórias,  
raciocínios redentoristas.

Brasilidade.

Compreendida mas indefinida,  
é e não se revela,  
é sensível mas não é  
inteligível.

Como um Oráculo ao qual,  
nus e incrédulos,  
além do Raciocínio e da Razão,  
professamos.  
Ou profetizamos.

Ou foi Dom Bosco,  
visionário da boa-aventurança?

Ou foi Malraux declarando  
a esperança, afirmação  
cultural, liderança,  
força coletiva,  
determinação?

O intangível, o inteligível,  
ou seu destino maior  
por que Utopia,  
porque impossível.

Aspiração.

Estandarte para a grande caminhada,  
palavras de ordem,  
ideário e bestiário,  
canaã democrática, ultraista,  
concreção e irradiação.

Realização pessoal e coletiva?

Deslumbramentos.

Paradoxos.

*O ditame*

Mineiro  
de mares escondidos  
montanhosos  
Juscelino  
menino  
de vilarejos coloniais  
pensava o Brasil  
integral,  
porque plural.

Almou compromisso  
nacional.

Jurou  
cumprir a Constituição  
em tempos discricionários,  
em cenários de sedição:  
interesses provincianos  
coronelismos  
privilégios, oligarquias  
regionais:  
havia que romper arcaísmos  
feudos  
capitanias hereditárias  
atrasos ancestrais.

Liberdade, democracia, tolerância!

Romper estruturas  
fossilizadas  
conchavos palacianos  
demolir hegemonias  
políticas.

Juscelino onipresente,  
perseverante.

Desenvolvimentista.  
Queria um centro gravitacional  
uma força irradiadora  
um cérebro autônomo, central.  
Queria um símbolo,  
havia-o no ideário dos  
Inconfidentes,  
nos sonhos dos independentistas,

dos Andradas, dos jesuítas,  
dos nativistas exaltados.

Crença arrebatadora,  
cristalizadora:  
não por ideologia  
(que o não alinhava).

Cumpriu contra o Destino  
o seu dever:  
“Inutilmente?”  
*Não, porque cumpriu*”,  
disse-lhe Fernando Pessoa,  
de Dom Duarte, Rei de Portugal.  
Todos os caminhos levavam ao mar.

JK queria-os  
na direção do Brasil mesmo:  
dos sertões,  
das vastidões ignoradas.

JK, descobridor do Brasil.

## *O enigma*

Haveremos de,  
assim seremos.

Não se sabe  
se epidérmica  
ou visceral  
talvez plantada  
abduzida  
certamente  
entranhada  
– a pátria  
dos cinco continentes,  
mesclados,  
confluentes.

Num ponto  
gravitacional,  
latente  
também nos pássaros  
errantes

nas luzes  
silentes  
no entanto  
significantes.

Terras altiplanas  
como mar  
estacionado  
sob nuvens  
e chuvas  
intermitentes  
sobre rios  
subterrâneos.

Paralelos.

Em se plantando,  
eternamente,  
em se dando,  
em berço esplêndido,  
revelando,  
em alicerces de pedra  
e pó – amada e gentil,  
sendeiros,  
entre outras mil.

Dos filhos deste  
solo, sonho, sopro  
destes pampas elevados,  
mais garrida  
– força, fé –  
destes cerradões  
monções, grotões  
ao som do mar  
imaginário  
tanto que real.

Fazendo  
o sinal da cruz  
nas direções  
de fronteiras  
(fantasias,  
miragens)  
– oiapoques, chuís –  
equidistâncias  
sutis.

Passagens.

Verdes mares  
vegetais  
– abundância;  
sobre um  
cristal imantado  
chapadões  
como um promontório  
acima do  
Dilúvio Universal.

Arco-íris

Isso mesmo:  
sincretismos  
profecias,  
unidades diluídas  
em diáspora  
convergente:  
oxímoros!

Aqui estaremos  
estandartes  
aqui professaremos  
simbioses, catálises  
certamente colheremos.

Em tecidos temperados  
salivas, seivas  
translúcidas, oblíquas  
de todas as paragens  
cheganças.

O ver,  
o verde,  
o Verbo!

Nem história  
nem memória:  
vontades,  
soledades.

E a boa-aventurança.

## *Lúcio Costa*

Espaços livres,  
volumes equilibrados.  
Traços de união.

Linhas que se cortam  
em sinal de cruz  
ou de  
Cruzeiro do Sul.

Seria a sombra de um avião?  
De um pássaro?  
Asas de Santos Dumont?

Alegoria e fantasia.

Linhas nas direções  
dos pontos cardinais,  
das fronteiras, confins:  
até onde a geografia alcance,  
até onde se fale Português.

Brasília:  
um encontro marcado  
e demarcado  
no Quadrilátero Cruls,  
como uma inscrição marajoara,  
como a marca do gado  
sertanejo, armorial,  
estandarte do Divino  
de todas as religiões.

Um sonho urbanizado  
socializado  
miscige  
nação...

ou seria o ponto de irradiação?

Arquitetura de um projeto nacional  
de estruturas metálicas  
avenidas monumentais  
operários engenheiros emigrantes  
de todos os quadrantes  
em canteiro de

sonho e argamassa.

Queria romper  
as estruturas sociais.

Quebrar paradigmas  
odiosas discriminações.

Arquitetura  
como um marco  
Urbanismo  
como pacto  
social.

Apesar da realidade.

Na liberdade das abstrações  
na uniformidade das  
concepções estéticas  
modeladoras.

Como uma semente  
como uma proposta  
subversiva  
como uma antecipação  
de um sonho possível  
porque determinista.

Lúcio acreditava  
que a cidade plantada  
na consciência dos homens  
podia redimi-los.

Transformá-los.

Cidade-viva  
orgânica  
brotando da terra  
do Cerrado virgem  
no Planalto Central.  
Cidade-monumento  
dos ideais pátrios  
ou alquimia  
e simetria  
sebastianista  
Antonio Conselheiro  
levantando muralhas

acolhendo os retirantes  
os desterrados  
candangos  
além das contradições.

Lúcio plantou uma cidadela  
uma idéia  
um projeto de futuro  
que acreditava irreversível.

Como um farol  
como um presépio  
como um baluarte  
para acolher a nacionalidade  
e redimi-la  
consagrá-la  
ejetá-la no amanhã  
em comunhão.

Espaço de vivência  
e imanência.

## *Oscar Niemeyer*

Oscar Niemeyer  
poeta-escultor.

Arquiteto do Rei.

Linhas no espaço sideral,  
curvas no infinito  
das constelações virtuais.

Criando avarandados coloniais  
rampas cósmicas.

Ateu e comunista.

Materialista das catedrais  
humanas,  
das capelas espirituais.  
Como mãos votivas  
numa prece eternizada  
no concreto armado  
da Catedral ecumênica.

Todas as mãos candangas  
paranaenses mineiras  
pernambucanas  
todas as mãos nortistas  
paulistas  
de todos os quadrantes  
e sextantes  
sustentam o universo  
nacional.

No alto passam as  
nuvens cintilantes  
e os aviões da Real e da Panair  
uma conspiração de anjos  
burocratas  
diplomatas  
voam políticos, empreiteiros  
e trovejam e relampagueiam  
tempestades  
e fogos de artifício.

Sensual ou curvilíneo  
em formas simbolistas:  
mãos redes seios.  
Devaneios.

Talvez abstrações  
com intenções figurativas.

Ou seriam estruturas-esculturas?  
Barocas, modernistas?

Nas simetrias liberadas  
e nas geometrias depuradas:  
teatralidade.

Volumes espaços alturas  
verticalidade  
ou extremidades em vértice  
a eludir o estático  
e o majestático  
– contra as regras e  
as limitações.

Niemeyer é tão ou mais monumental  
ainda que sóbrio

mais leve quando concreto  
e funcional

mais denso quanto poético.

Surpreendente.

Sem concessões à trivialidade  
porque genial.

Todas a artes irmanadas  
no mármore, nos arcos  
ancestrais  
abóbadas sonoras  
colunas dançarinas,  
vitrais.

## *Jardins de Burle-Marx*

Roberto entronizava tapetes  
vegetais, samambaias, gravatás.  
Pintava jardins  
tropicais.

Cantos rodados  
cipós, palmeiras, trepadeiras  
redescobrimo a flora brasileira,  
no Itamaraty, no Alvorada  
– ou teria sido na Alemanha? –  
na floresta amazônica  
na Mata Atlântica  
dos manguezais aos canaviais.

Roberto pintava com seivas  
florestais,  
cubistas,  
painéis herbóreos  
helicônias, aristolóquias  
ou pedras e heras,  
jardins suspensos,  
ninfeáceas.

(Plantou, disseminou).

São  
paisagens ou  
são painéis,  
são janelas para o interior,  
arestas e frestas de luz.

Cores,  
formas,  
geometrias  
impossíveis,  
mutantes, são pinturas  
sem molduras, relevos,  
bordaduras, volumes.

São memória  
e vida.

## *Os candangos*

Homens-árvores  
enraizando  
na terra vermelha  
de sangue e sol

como cactos  
araucárias  
seringueiras  
do norte, do sul  
brotando, vicejando  
no Núcleo Bandeirante  
na Vila Planalto  
nas cidades-satélites  
nas quadras,  
invasões.

Guerreiros  
de Ceschiatti  
na Praça dos Três Poderes  
nos alojamentos das construtoras:  
profetas mestiços  
de Bruno Giorgi  
no bronze votivo  
da Catedral.  
Tenazes,  
curtidos.

\*

Na cidade-invenção  
que construíram  
que os consumiu.

\*

Paisagem já memória  
carcomida  
recriada  
como a floração de habenárias,  
como as canelas-de-ema

(candelabros)  
que atestam a origem da terra,  
que exaltam florindo,  
anteriores à devastação.

Mármore oxidados,  
metais azinhavrados,  
com as impressões  
de heróis-candangos  
marias josés severinos  
empilhados em barracões  
apinhados em paus-de-arara  
no êxodo da pátria  
em construção.

Agora uma fotografia  
em preto-e-branco.

Mas ainda pulsa  
ainda lateja  
na alma escarificada  
sob a pele estratificada  
na memória  
da poeira depositada  
sobre sonhos e projetos  
de vida.

Um canteiro de obras  
com hortaliças transplantadas  
em estufas hidropônicas.

Sertanejos urbanizados  
fotógrafos mambembes  
missionários  
caminhoneiros de estradas  
infindáveis  
consolidando relações  
demarcando aproximações  
– migrações intercelulares.

Quando o Brasil se viu  
pela primeira vez  
de corpo inteiro.  
De dentro,  
do centro para as beiradas marinhas  
e fronteiras ignotas, ignaras.

Cerne.

Constelações humanas  
numa rede de fábulas, cantares,  
esperanças, promessas,  
futurismo.

Urbanismo  
centrifugado, como brita e calcário,  
como cimento armado,  
pensamentos,  
juramentos,  
ecumenismo.

Linhas paralelas,  
trilhos, betoneiras, guindastes,  
estandartes, baluartes,  
figas-de-guiné.

Poeira e lama.

Auriflama.

## *Gilberto Freyre*

De Apipucos,  
o *passado útil*  
abrasileirando as diferenças:  
mestiçagem genuinamente  
pluralista

por ser plural  
o Brasil  
também é uno:

unidade na diversidade  
“novas combinações sociais  
inéditas e transcendentais”.

Gilberto Freyre:  
Brasília  
metrópole do sertão  
ecologia  
rurbana  
experiências e perspectivas  
influências  
pacifistas, ecléticas.  
Brasília:  
a força de uma idéia  
uma idéia em movimento.

Renascimento  
dessaombros  
conhecendo-se, encontrando-se  
nas entre-quadras  
nos clubes de vizinhança  
tropicalidade.

Nossa origem ibérica  
marcou encontro em Brasília,  
nossa origem africana.

Nossos índios do Bananal  
boiadeiros do Pantanal.

Encontro marcado  
com a brasilidade.

Gilberto Freyre.

## *Brasília*

Brasília é branca e luminosa,  
de mármore e vidraças  
refletindo nuvens metafísicas.

Blocos e quadras  
e avenidas enfileiradas,  
viadutos, memoriais,  
geometrias e concretudes  
transcendentais.

Onde o sol se põe  
– teatral –  
entre as torres do Congresso Nacional.

Numa escala de cenógrafo  
neoconcretista, construtivista,  
lançando manifesto  
pela integração das artes:  
pela dança das esquadrias,  
poesia das colunas avarandadas,  
pilotis sobranceiros  
sustentando o firmamento do Cruzeiro do Sul.

Jardins petrificados,  
monumentos vegetais.

Pirâmides, tumbas faraônicas  
cabalísticas  
erguidas  
sobre rochas imantadas  
a salvo dos dilúvios,  
anunciando o Terceiro Milênio.

Como evitar o misticismo?

Yokaanan refugiou-se na  
eclética cidade,

Tia Neiva fecundou o vale  
no sincretismo das crenças  
dos humildes  
enobrecidos, capas e véus, vestais  
em castas devocionárias.

Vivemos entre nordestinos  
gaúchos, cariocas, paulistas  
e extraterrestres.

Legiões humanas construindo  
um mundo novo  
plantando idéias minerais  
metáforas concretas  
de cimento e vidro  
sonhos totemizados de artistas  
vanguardistas  
hipérboles metásteses  
versos rimas decantadas  
signos, sinais.

Todos as veias entronizadas  
num discurso de mármore  
votivos,  
exaltando valores –  
metamorfismos.

## *Epílogo*

### *Memorial JK*

*“Minha loucura, outros que me a tomem  
com o que nella ia”.*  
*Fernando Pessoa*

1. Pai, agora a vigília é nossa.

Depois de te arrancarem  
o dia, os direitos políticos,  
a tua alma altiplana,  
depois de te exilarem,  
de te perseguirem,  
contemplas o país futuro,  
de teu pedestal.

*“Deste Planalto Central,  
desta solidão...”*  
Como de um navio  
ou promontório,  
de um cometa,  
vaticinando horizontes.

Ardente e confiante,  
eternamente.

2. Reze mesmo quem em Deus  
não acredite.

Reze por nós, por ti,  
pelo Brasil que unistes.

Tua lembrança é leve  
e calma  
como deve ser clara  
a tua alma.

Homens graves regem  
os nossos destinos.

O teu dia há-de raiar!

Dias melhores hão-de vir!

Teu sorriso é a garantia  
do porvir.

Paz.

# *Volpi na Capela*

B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D    I R A S    B A N D    I R A S    B A N D    I R A S  
B A N            R A S    B A N            R A S    B A N            R A S  
B A                A S    B A                A S    B A                A S  
B                    S    B                    S    B                    S  
B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D    I R A S    B A N D    I R A S    B A N D    I R A S  
B A N            R A S    B A N            R A S    B A N            R A S  
B A                R A S    B A                R A S    B A                A S  
B                    S    B                    S    B                    S

B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D    I R A S    B A N D    I R A S    B A N D    I R A S  
B A N            R A S    B A N            R A S    B A N            R A S  
B A                A S    B A                A S    B A                A S  
B                    S    B                    S    B                    S  
B                    S    B                    S    B                    S  
B A                A S    B A                A S    B A                A S  
B A N            A S    B A N            R A S    B A N            R A S  
B A N D    I R A S    B A N D    I R A S    B A N D    I R A S  
B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S  
B A N D E I R A S    B A N D E I R A S    B A N D E I R A S